TOXICOMANIA E CASTRAÇÃO: UMA LEITURA PSICANALÍTICA DE "RÉQUIEM PARA UM SONHO"

Caroline S. Dias, Gabriela A. S. Fernandes, Lívia L. Vianna, Marcela B. Fernandes, Lauro T. T. Veloso.

Universidade do Vale do Paraíba/Faculdade de Educação e Artes, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, carolinedias317@gmail.com, gabiamorim010903@gmail.com, livialemes71@gmail.com, marcela.bfernandess@gmail.com, lauro.taketomo@univap.br

Resumo

O presente artigo pretende discorrer a respeito da toxicomania sob a ótica da psicanálise e construir uma relação com o cinema ao fazer uma análise do filme Réquiem para um Sonho (2000), de Darren Aronofsky. O objetivo principal do trabalho é compreender como a adicção opera como uma tentativa de tamponar a falta estrutural do sujeito e recusar a castração simbólica frente às exigências contemporâneas. Adotando como base a teoria psicanalítica e a crítica ao discurso capitalista contemporâneo, buscou-se conceituar a adicção como uma tentativa de tamponar a falta estrutural do sujeito e recusar a castração simbólica. A relevância do tema se destaca na discussão da clínica psicológica contemporânea, crescentemente confrontada por quadros de compulsão por substâncias lícitas e ilícitas. A partir da trajetória dos personagens Harry, Sara, Marion e Tyrone, o estudo discute a concepção de que o recurso à droga e a gadgets de consumo atua como uma promessa ilusória de completude, que tenta silenciar o mal-estar através de um gozo ilimitado que despoja o indivíduo de seus vínculos sociais e afetivos. Concluiu-se que o filme expressa o fracasso trágico dessa tentativa de tamponamento, ilustrando a transição do prazer ao gozo mortífero e a aniquilação da subjetividade no confronto traumático com o Real. A análise psicanalítica, nesse contexto, oferece um caminho para a restauração da posição do indivíduo como sujeito do desejo, permitindo-lhe suportar sua falta constituinte e reconstruir laços sociais sem a necessidade da própria autodestruição.
Palavras-chave: Capitalismo; Psicanálise; Toxicomania.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas, Psicologia.

Introdução

A A adicção, sob a ótica da psicanálise, é compreendida como uma tentativa de tamponar a falta estrutural do sujeito, sendo atravessada, no cenário contemporâneo, pelo discurso capitalista que promete completude por meio do consumo. Como aponta Freud (1930/2010), a vida impõe sofrimentos e decepções inevitáveis, levando o ser humano a recorrer a medidas paliativas e amortecedores de preocupações para suportar as exigências da realidade. Nessa perspectiva, Lamego e Brito (2020) destacam que a psicanálise opera uma subversão ao incluir o sujeito do inconsciente onde o saber científico frequentemente o exclui, tratando o recurso às drogas como uma resposta singular a esse mal-estar na cultura. Essa discussão ganha especial relevância na clínica psicológica contemporânea, crescentemente confrontada por uma clínica dos excessos pulsionais e das compulsões, que engloba não apenas a dependência de substâncias ilícitas, mas também o uso abusivo de substâncias lícitas, a exemplo dos medicamentos emagrecedores prescritos sob a promessa de adequação estética.

O filme Réquiem para um Sonho (2000), dirigido por Darren Aronofsky, ilustra com precisão essa dinâmica ao demonstrar como o objeto droga passa a ocupar o lugar do desejo e alienar o indivíduo. A narrativa acompanha a trajetória de quatro personagens centrais: Sara Goldfarb, uma viúva solitária que desenvolve uma compulsão por pílulas para emagrecer na esperança de vestir um antigo vestido vermelho e aparecer em um programa de televisão; e seu filho Harry, acompanhado de sua namorada Marion e do amigo Tyrone, que mergulham no vício e no tráfico de heroína em busca de uma ilusão de sucesso e felicidade. Ao acompanhar o declínio progressivo de cada um deles, a obra explicita o enfraquecimento dos laços afetivos e a ruína subjetiva provocada pela adicção. Dessa forma, o presente artigo propõe uma leitura psicanalítica do longa-metragem, com ênfase na articulação entre o

discurso capitalista, a falta e a castração, analisando como a busca pelo consumo atua como uma tentativa ilusória de silenciar o sofrimento psíquico.

Metodologia

O estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, desenvolvida por meio de uma revisão de literatura fundamentada na psicanálise, abordando a articulação entre toxicomania, castração simbólica e a lógica do consumo contemporâneo. Paralelamente, buscou-se analisar e interpretar o longa-metragem Réquiem para um Sonho (2000), de Darren Aronofsky, utilizado como recurso para ilustrar e tensionar a temática. A escolha da obra cinematográfica como material de análise se deve à sua densidade narrativa e estética, que explicita com clareza a dinâmica da adicção, o declínio dos vínculos e o confronto traumático com o Real, conceito lacaniano que não se confunde com a realidade ordinária, mas refere-se àquilo que é inominável, não simbolizável e inacessível pela linguagem, funcionando como um ponto de impossibilidade e trauma. A abordagem interpretativa seguiu a lógica da hermenêutica psicanalítica, permitindo articular os conceitos clínicos e sociais à trajetória dos personagens e às metáforas visuais presentes no filme.

Resultados e discussão

A recusa da castração e o tamponamento da falta subjetiva

É possível entender o uso de drogas não somente como uma atitude individual, mas como um fenômeno que envolve tanto aspectos subjetivos quanto sociais. Nesse sentido, a toxicomania atua como um recurso para evitar o confronto com a falta e a castração.

Na teoria psicanalítica, a castração não se refere a uma violência física, mas sim a um processo psíquico de perda e limite inerente a todo ser humano. Segundo Pereira (2016), esse confronto com a castração e a falta se traduz na experiência cotidiana de frustração, decepção e desamparo, em que o indivíduo é forçado a perceber que não tem o controle absoluto sobre o mundo e que suas expectativas nem sempre serão atendidas pela realidade. Conforme explicam Tótoli e Marcos (2017), a castração simbólica é justamente essa passagem fundamental que submete o sujeito à ordem simbólica e à linguagem, obrigando-o a renunciar a um prazer total para deparar-se com as regras da cultura e conseguir viver em sociedade.

Essa transição é possibilitada pela função do Nome-do-Pai, um conceito que atua como uma lei simbólica (o interdito ou "Grande Não") que coloca um limite no gozo irrestrito do sujeito. Essa instância de proibição está intimamente conectada à formação do Supereu, a voz interna herdeira das regras e interdições da cultura. Ao mesmo tempo, segundo Pereira (2016), a constatação da diferença sexual anatômica e da alteridade, isto é, o reconhecimento de que o outro é diferente e independente de nós, causa uma "fratura narcísica". Essa fratura representa uma ferida no amor-próprio e na ilusão de completude do sujeito, dividindo-o entre o medo de perder o que possui (angústia de castração) e o sentimento de não ter algo que deveria ter (privação e incompletude).

A substância entra como uma tentativa de "tamponar" essa falta, oferecendo uma promessa de completude imaginária ou alívio imediato da dor e do sofrimento. Segundo Lacan (apud Tótoli; Marcos, 2017), a droga é o que permite ao sujeito a "ruptura do casamento com o falo", ou seja, o rompimento com o gozo limitado pela lei simbólica para buscar um gozo absoluto. Segundo Gianesi (2005), a intoxicação pode ser vista como um intento ilusório de resolução para a discordância primordial entre o eu e o ser, tentando recuperar a harmonia perdida.

Articulando com os personagens de Réquiem para um Sonho, observamos a ilusão de controle inicial de Harry, Marion e Tyrone. A personagem Sara Goldfarb, uma viúva de cerca de 60 anos que vive em isolamento e tédio, exemplifica como o sonho pode se tornar o único motor da existência. Sua vida ganha um novo ânimo com a perspectiva de participar de seu programa de televisão favorito, o que a leva a projetar a realização de um ideal: apresentar sua "bela família" e voltar a caber no vestido vermelho que simboliza um passado de orgulho e juventude. Diante do fracasso em dietas convencionais, Sara recorre a pílulas para emagrecer, em uma busca por uma solução rápida para seu mal-estar.

O desenvolvimento da trama revela as consequências devastadoras dessa escolha, potencializadas pela negligência de profissionais de saúde que prescrevem medicações de alto poder de dependência sem a devida atenção individualizada, enquanto seu filho, Harry Goldfarb, mergulha no tráfico em busca de dinheiro fácil, mantendo para a mãe a fachada ilusória de ser um "empresário" bem-sucedido. Como apontam Tótoli e Marcos (2017) e Pereira (2016), ao buscarem preencher seus vazios existenciais e de pertencimento por meio da substância, os personagens usam o recurso à droga para camuflar a relação do sujeito com a castração e a angústia, tentando afastar a fratura narcísica imposta pela realidade.

O atravessamento do discurso capitalista e a lógica do consumo

Trata-se também de um fenômeno atravessado por aspectos sociais e pelas condições do contexto contemporâneo. Em Réquiem para um Sonho, essa dinâmica aparece na forma como a lógica do consumo busca aliviar o mal-estar por meio de uma oferta constante de objetos que prometem preencher a falta subjetiva, contribuindo, ao mesmo tempo, para o enfraquecimento dos vínculos afetivos e sociais. Segundo Lamego e Brito (2020), a aproximação entre o avanço técnico-científico e o mercado de bens produz uma criação contínua de gadgets, objetos industrializados que carregam a promessa de satisfação plena, autossuficiência e independência em relação ao mundo externo. No discurso capitalista, articulado por Lacan, essa relação com o objeto se modifica, pois o objeto de consumo passa a ocupar o lugar de uma promessa de resposta direta ao sofrimento psíquico. Conforme aponta Santiago (2001), a ciência oferece recursos químicos cada vez mais sofisticados, capazes de atuar diretamente sobre o corpo e produzir uma satisfação rápida, anestésica e sem mediação.

O discurso capitalista, portanto, favorece formas de adicção ao apresentar a ideia de que existe um objeto de consumo capaz de eliminar a dor e recuperar uma suposta completude perdida. No filme de Darren Aronofsky, essa dinâmica aparece de forma clara na trajetória de Sara Goldfarb. Seu envolvimento compulsivo com a televisão e o uso de anfepramonas, medicamentos para emagrecer, mostram que a toxicomania não está limitada ao uso de substâncias ilícitas, mas também pode envolver diferentes formas de consumo orientadas pela necessidade de adequação social e pela busca do corpo ideal. A possibilidade de aparecer em um programa de televisão usando o vestido vermelho torna-se a fantasia que sustenta o uso cada vez mais intenso das pílulas.

A compreensão dessa dimensão clínica articula-se aos conceitos de Grande Outro e de Grande Outro Materno. Segundo Andrade e Gomes (2015), o Grande Outro, grafado com a letra O maiúscula, representa a ordem social, o campo da linguagem, das leis e da cultura que preexiste ao indivíduo e o acolhe desde o nascimento. Como o bebê humano nasce em uma condição de total desamparo biológico, ele depende inteiramente desse campo de linguagem para passar a existir como sujeito. A primeira ponte de contato e mediação com esse universo simbólico é estabelecida por uma figura de provimento de cuidados constantes e de presença estável na vida da criança, denominada na psicanálise de Grande Outro Materno. Essa figura é chamada de materna por costumar ser exercida historicamente pela mãe biológica, mas não precisa necessariamente ser ela, referindo-se a qualquer cuidador primordial, seja o pai, avós, tios ou uma instituição de acolhimento, que ofereça cuidados de maneira consistente, interprete as necessidades do bebê e lhe atribua significados.

No entanto, essa relação inicial traz uma tensão estrutural profunda. Por ser a fonte total de provimento e afeto, esse Grande Outro Materno pode ser vivenciado pelo bebê como uma presença invasiva ou excessiva, ameaçando anular a sua nascente individualidade e reduzindo-o a uma posição de mera passividade ou objetalização, na qual a criança serve apenas como instrumento de satisfação do desejo do cuidador. Diante desse impasse clínico, destaca-se a noção de cura subjetiva proposta por Le Poulichet (1996). Sob essa perspectiva, a toxicomania relaciona-se às primeiras experiências do sujeito com o Outro materno e pode ser compreendida de forma paradoxal como um esforço de sobrevivência psicológica, em que o indivíduo busca recuperar uma posição de valor diante da possibilidade de abandono ou de ser tomado pelo desejo desse Outro. O adicto não busca a substância para se autodestruir de modo deliberado, mas sim para escapar da dependência sufocante e da passividade. A droga surge como um corpo estranho controlável, em que o indivíduo decide quando e como consumir, servindo como um limite que protege o corpo para resistir a essa invasão e preservar a integridade subjetiva.

Nesse contexto, a cultura contemporânea estimula a tentativa de afastar a dor e a frustração por meio de formas rápidas e descartáveis de consumo, dificultando a elaboração simbólica do mal-estar.

De acordo com Lemos (2004), esse processo expressa o triunfo de um gozo cínico, que dispensa a alteridade, reduz a importância da linguagem e enfraquece o laço social. O sujeito deixa, assim, de se posicionar como desejante e passa a ficar submetido ao próprio objeto de consumo. Enquanto Sara sucumbe às alucinações provocadas pelo uso abusivo de anfetaminas e pela obsessão com a televisão, Harry, Marion e Tyrone se aprofundam na busca pela próxima dose de heroína. O filme mostra, dessa forma, uma contradição central do discurso capitalista: o objeto é apresentado como uma forma de escapar do sofrimento, mas pode produzir justamente maior alienação e perda da própria subjetividade.

.

O gozo sem limite e o confronto com o Real

O declínio progressivo dos personagens em “Réquiem para um Sonho” mostra como a tentativa de preencher a falta de maneira absoluta pode consumir o próprio espaço da subjetividade, levando ao confronto com o Real lacaniano.

O conceito de gozo na psicanálise possui um sentido muito específico e distinto do prazer cotidiano. Segundo Tótoli e Marcos (2017), enquanto o prazer é regido pela moderação e por limites que buscam manter o equilíbrio e o bem-estar do organismo, o gozo refere-se a uma força excessiva, desmedida e pulsional que ultrapassa qualquer barreira de segurança, tornando-se dolorosa e potencialmente destrutiva. Trata-se de uma busca incessante por uma satisfação absoluta que ignora as leis do próprio corpo e da convivência social.

A partir dessa definição, a psicanálise estabelece uma diferença crucial entre o gozo fálico e o gozo sem limites, associado à droga. O gozo fálico é aquele regulado pela linguagem e pela cultura, estando submetido à Lei da castração e mediado pela palavra. Ele representa o gozo com limites, em que o sujeito aceita que não pode ter tudo e que, para satisfazer seus desejos, precisa interagir com o outro, negociando sua existência no laço social. Em contrapartida, o gozo relacionado à droga promove uma ruptura radical com essa mediação simbólica. O toxicômano busca uma satisfação que dispensa a palavra, o limite e a presença do outro, almejando uma completude imediata e solitária com o objeto consumido.

Essa busca por uma autossuficiência absoluta é caracterizada por Recalcati (2003) como uma “posição de antiamor”. Enquanto o amor verdadeiro exige que o sujeito reconheça a sua incompletude e se abra à vulnerabilidade de se relacionar com o semelhante, a toxicomania tenta apagar essa dependência estrutural. No consumo solitário da substância, a relação com o Outro sexo e com o semelhante pode ser gradualmente substituída pela relação com a substância e pela presença maciça da droga, isolando o indivíduo em um circuito fechado de satisfação pulsional.

A passagem da busca inicial pelo prazer para a submissão ao gozo mortífero, entendido como um gozo sem limite e sem mediação do significante, conduz progressivamente à destruição do sujeito. De acordo com Miller (1995), esse movimento em direção a um gozo absoluto e sem barreiras pode assumir um caráter profundamente destrutivo, aproximando-se da atuação da pulsão de morte. A substância, que inicialmente aparece como promessa de alívio, passa a exigir cada vez mais do corpo. Conforme Le Poulichet (1996), a adicção estabelece uma autocronia, um tempo circular e repetitivo que reduz o futuro e limita a possibilidade de encontros com a alteridade. A vida do sujeito passa a se organizar em torno do consumo e da necessidade de repetir a experiência, transformando o tempo em uma sequência de crises e períodos de abstinência.

A destruição dos vínculos afetivos, sociais e corporais vivida pelos personagens mostra o desfecho desse processo. A degradação física de Harry, que termina com uma infecção grave e a amputação do braço; o colapso psíquico de Sara, marcado pelo isolamento, pelo surto psicótico e pelo tratamento com eletrochoque; o desespero de Marion, que submete seu corpo e sua dignidade à prostituição para conseguir uma dose; e a prisão de Tyrone, marcada pelo trabalho braçal e pelo racismo, representam o fracasso da promessa de completude. Esse quadro exemplifica o que Recalcati (2003) chama de "assassinato do símbolo pela Coisa" (das Ding), quando o circuito do desejo é tomado pelo gozo e perde sua função de mediação. A droga, operando na lógica do pharmakon, aquilo que pode se apresentar como remédio e salvação, mas também como veneno e destruição, evidencia que a recusa da castração e da falta não elimina os limites do sujeito, mas pode levá-lo ao encontro cada vez mais próximo com a própria ruína.

.

Conclusão

O presente estudo possibilitou a reflexão sobre as influências que podem levar ao uso de drogas na vida dos indivíduos. Em síntese, tanto a teoria quanto o filme convergem na ideia de que a adicção não é apenas uma questão de substância, mas uma tentativa de responder a uma falta estrutural, potencializada por uma sociedade que estimula o consumo como solução para o sofrimento. Em Réquiem para um Sonho, essa busca por um "curto-circuito" que prometa completude acaba por isolar o sujeito em um tempo circular que ignora a alteridade e silencia a subjetividade em troca de um gozo absoluto e mortífero.

O declínio trágico dos personagens ilustra o fracasso desse recurso, que atua como um remédio ilusório que se torna veneno ao aniquilar o ser. A tentativa de tamponar a falta resulta na escravização pelo objeto e no encontro traumático com o Real, onde a dignidade é perdida para o consumo infinito. Assim, a superação desse ciclo exige a restauração da posição do indivíduo como sujeito de sua história, permitindo que ele confronte sua falta constituinte e reconstrua laços sociais e fantasias que sustentem a vida sem a necessidade de sua própria aniquilação.

Referências

ANDRADE, C. V. O. de; GOMES, F. G. C. Toxicomania e o uso de substâncias psicoativas segundo a psicanálise na contemporaneidade. **Revista UNINGÁ**, Maringá, v. 46, p. 63-68, out./dez. 2015.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização** (1930). São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GIANESI, A. P. L. A toxicomania e o sujeito da psicanálise. **Psychê**, São Paulo, v. IX, n. 15, p. 125-138, jan./jun. 2005.

LAMEGO, R. G. de J.; BRITO, L. C. Toxicomania: a droga, o sujeito e a psicanálise. Doxa: **Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 22, n. esp. 1, p. 284-298, out. 2020.

LEMOS, I. O gozo cínico do toxicômano. **Mental**, Barbacena, v. 2, n. 3, p. 51-60, 2004.

LE POULICHET, S. Toxicomania: a invenção de uma autocronia. In: LE POULICHET, S. **O tempo na psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996. p. 105-120.

MILLER, J.-A. Para uma investigación sobre el goce auto erótico. In: SINATRA, E.; SILLITTI, D.; TARRAB, M. (org.). **Sujeto, goce y modernidad**: fundamentos de la clinica. Buenos Aires: Atuel, 1995. p. 13-22.

PEREIRA, D. R. Elementos do complexo de Édipo na toxicomania: a droga como afastamento da castração na neurose. **ReCoRdaR, RePetiR e elaboRaR**, v. 38, n. 35, 2016.

RECALCATI, M. **Clínica del vacío:** anorexias, dependencias, psicosis. Madri: Editorial Sintesis, 2003. 398p.

TÓTOLI, F. C.; MARCOS, C. M. Psicanálise e Toxicomania: o gozo da droga e a ruptura com o gozo fálico. **Cadernos de Psicanálise (CPRJ)**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 36, p. 125-140, jan./jun. 2017.